

Comunicação não violenta e mídia- educação como propostas inovadoras na interlocução com adolescentes no ambiente escolar, na Amazônia Oriental

Comunicación no violenta y educación mediática como propuestas innovadoras en el diálogo con adolescentes en el entorno escolar, en la Amazonia Oriental

Non-violent communication and media-education as innovative proposals in the dialogue with adolescents in the school environment in the Eastern Amazon

AUTOR

Ingrid Gomes Bassi*

ingrid.bassi@unifesspa.edu.br

* Pós-doutorado em Educação pelo programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Tocantins (UFT, Brasil).

RESUMO:

O estudo traz os resultados científicos do projeto de extensão “Educomunicação e não violência: proposta de práticas educacionais associadas à lógica da não violência na escola”, executado no segundo semestre de 2019, com discentes da Escola Municipal de Ensino Fundamental Adolfo Soares de Moraes, em Rondon do Pará – na região da Amazônia Oriental. Desenvolvemos a metodologia de observação participante e executamos a produção de oficinas, com a finalidade de produzirmos um jornal digital coletivo. As considerações finais contribuem para a promoção da ação de mídias como uso pedagógico e de consciência de empoderamento na educação e nas práticas de ensino-aprendizagens inovadoras.

RESUMEN:

El estudio recoge los resultados científicos del Proyecto de Extensión “Educomunicación y no violencia: Propuesta de prácticas educacionales asociadas a la lógica de la no violencia en la escuela”, llevado a cabo en el segundo semestre de 2019, con estudiantes de la Escuela Primaria Municipal Adolfo Soares de Moraes, en Rondon do Pará, en la región oriental de la Amazonia. Recurrimos a la metodología de la observación participante y realizamos talleres, con el propósito de elaborar un periódico digital colectivo. Las consideraciones finales contribuyen a la promoción de la acción de los medios como uso pedagógico y a la conciencia del empoderamiento en la educación y en las prácticas innovadoras de enseñanza-aprendizaje.

ABSTRACT:

The study brings the scientific results of the Extension Project “Educommunication and No Violence: Proposal of educative practices associated with the logic of non-violence in the School”, carried out in the second semester of 2019, with students from the Adolfo Soares de Moraes Municipal Elementary School, in Rondon do Pará - in the eastern Amazon region. We developed the participant observation methodology and carried out the production of workshops, with the purpose of producing a collective digital newspaper. The final considerations contribute to the promotion of media action as a pedagogical use and awareness of empowerment in education and innovative teaching-learning practices.

1. Introdução

Mas é preciso observar além das suas limitações.
É preciso tentar entender o que ele sente,
Por que seu amor está ficando cada vez mais ausente (...)

A distância o fez perder as esperanças em nós,
E fez-me entender que nem tudo depende só do amor!

Com um tempo, eu percebi que nem tudo depende da expressão de sentimentos.
É necessário buscar compreender a necessidade do companheiro; é necessário o esclarecimento da sua insegurança.

Moreira e Cangussu (*Jornal Digital Adolfo Notícias*, 2020, p. 02).

No trecho do poema “Controle” das alunas Maria Luísa Silva Moreira e Mariana Amaral Cangussu, o olhar para o cuidado do entendimento do outro em: “esclarecimento da sua insegurança”, reflete a trajetória-guia do projeto de extensão “Educomunicação e não violência: proposta de práticas educacionais associadas à lógica da não violência na escola”¹, iniciado no segundo semestre de 2019, com discentes do 9º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Adolfo Soares de Moraes, em Rondon do Pará, interior do sudeste paraense².

O projeto teve início em agosto de 2019 e tem como objetivo o foco em desenvolver com as/os participantes um produto jornalístico com base na comunicação não violenta e à luz da mídia-educação ou educomunicação. Para cumprir essas finalidades teórica-prática-reflexiva no final de cada edição do projeto (uma produção por semestre letivo), esperamos capacitar as/os discentes em agentes multiplicadores, facilitando o diálogo a respeito da mídia-educação e da comunicação não violenta, principalmente entre as/os estudantes; e, com isso, germinar uma ideia alternativa de comunicação conectada à empatia e ao respeito.

E, por que trabalhar esse tema de não violência no ambiente escolar? Os dados atuais sobre violências nas escolas públicas e particulares no país são alarmantes. Segundo dados levantados em reportagem do *El País*, nas últimas duas décadas, houve atos extremos de violência, em nove escolas do Brasil (Jucá, 2019). O mais recente foi o “massacre de Suzano”, que contabilizou dez mortos na cidade de Suzano, região metropolitana de São Paulo.

Somado aos casos de violências nas escolas, observamos cotidianamente o descompasso social de tolerância e respeito, que encontram nas redes sociais digitais as facilidades de protagonismos xenófobos e fortalecedores de discursos de ódio e discriminação.

Em 2015, por exemplo, os cientistas sociais do Facebook publicaram na revista *Science* um estudo que indica a influência da fórmula algorítmica de manipulação dos murais dos usuários da rede. Comprovaram a existência de uma “bolha ideológica”, ou seja, os usuários preferem observar e ter contato com informações e notícias que se identificam e aprovam, ao contrário de interagirem com informações que discordam e/ou são inflexíveis. Esta análise foi realizada com aproximadamente 10 milhões de usuários nos Estados Unidos (EUA) e comprovou que a “bolha ideológica” acontece mais pela empatia do usuário do que em razão da influência do algoritmo da rede digital (Salas, 2017). Contudo é importante destacar o posicionamento

PALAVRAS-CHAVE

Comunicação não violenta; mídia-educação; ensino fundamental; inovação e Amazônia Oriental.

PALABRAS CLAVE

Comunicación no violenta; educación mediática; enseñanza fundamental; innovación y Amazonia Oriental.

KEYWORDS

Non-violent communication; media-education; elementary school; innovation and Eastern Amazon.

Recibido:
31/05/2020

Aceptado:
27/10/2021

econômico-social das tecnologias digitais e as interações e dinâmicas de usuários e redes sociais digitais. Principalmente quando situamos as redes digitais com suas respectivas empresas no mercado financeiro mundial, como por exemplo o Facebook (Machado, 2018).

Os casos de violências nas escolas e as “bolhas ideológicas” nas redes sociais digitais cruzam os sentidos quando pensamos em soluções salutares para o enfrentamento dessas violências físicas e simbólicas. Por isso, nossa justificativa do projeto e a pesquisa para esse artigo foi pensada na articulação entre a comunicação não violenta, as ferramentas e a pedagogia da mídia-educação, como propostas culturais para a melhor convivência no ambiente escolar, propondo o protagonismo para as/os envolvidas/os, em especial as/os alunas/os.

Para tanto, esse artigo apresenta como método a pesquisa participante (Peruzzo, 2015) para a análise dos encontros do projeto, assim como para compreender os resultados da produção jornalística do Jornal Adolfo Notícias com a interface teórica da mídia-educação e da comunicação não violenta.

2. Referencial metodológico

Para essa pesquisa de extensão utilizamos o referencial da metodologia de pesquisa participante da autora Cicilia Krohling Peruzzo (2015). Esse método foi definido a partir da relação de proximidade das/os pesquisadoras/es com o contexto e momentos investigados. A interação com o ambiente de extensão foi uma das práticas centrais das oficinas e encontros com as turmas do ensino fundamental da Escola Adolfo Soares.

No decorrer das atividades tivemos a convivência com as turmas de discentes, interagindo e compartilhando com os contextos estudados, nas oficinas, nas dinâmicas, nos debates e nos questionários de *feedback*, nos encontros de produção e edição dos textos para o Jornal, além das conversas informais de trocas de saberes e expertises. Também definimos esse método, de pesquisa participante, pelo crédito da metodologia proporcionar assumirmos o papel do outro, a partir do processo de interagir com as expectativas e posicionamentos de vida desses sujeitos ativos e prospectivos diante das situações novas e, por vezes, complexas.

Segundo Krohling Peruzzo (2015, p. 126), os procedimentos para a pesquisa participante dependem das atividades de “co-vivenciar”, “ver as coisas de dentro” e “assumir o papel do outro”. Entretanto, essa proposta não permite ao pesquisador se confundir com os pesquisados e suas histórias de vida, por mais sensíveis e empáticas que as identidades entre sujeito e situação-pesquisada possam ser.

Nesse sentido, a prática da pesquisa participante sugere do pesquisador o papel de fazer parte do grupo investigado, compartilhando as atividades com as/os sujeitos/as, incluindo-se na interação como membra/o na pesquisa. “Trata-se de uma opção que exige muita maturidade intelectual; acentuada capacidade de distanciamento, a fim de não criar vieses de percepção e interpretação - o que não quer dizer neutralidade; e responsabilidade para com o ambiente pesquisado” (Peruzzo, 2015, p. 137). Outro fator de destaque da pesquisa participante, é a transparência de intenções da pesquisa para o grupo pesquisado, bem como da anuência pela equipe ao pesquisador.

Esses processos de inclusão do investigador e no cuidado com a gestão da pesquisa e situação pesquisada foram problematizações pontuais do início ao final das atividades de extensão.

Cicilia Peruzzo também afirma associação da pesquisa participante com indicativos sociais que podem promover transformações no universo social da pesquisa-situação. Explica que na área da Comunicação Social a pesquisa participante apresenta três pontos de finalidades acadêmicas ligadas ao propósito de mudança social. O primeiro está ligado aos processos populares de comunicação, para que estejam mais voltados para o desenvolvimento social. O segundo preocupa-se com as mediações nas atividades de recepção. O terceiro está ligado às soluções de comunicação nos grupos populares e alternativos, assim como propor também melhorias das condições de vida dos grupos pesquisados (Peruzzo, 2015, p. 131).

Nessa experiência de pesquisa de extensão, visualizamos o processo de mediação com as duas turmas de discentes a partir de uma forma próxima, e de confiança entre as partes, gerando os indicativos propositivos na troca de conteúdo entre pesquisador e sujeitos ativos em relação ao ensino aprendizagem. As atividades focaram nos temas da pesquisa: educomunicação (mídia-educação)³, comunicação não violenta e produção jornalística. Esse cenário temático focou na prospecção de melhora do ambiente escolar, do dia a dia dos discentes e da própria comunidade rondonense.

O jornal digital *Adolfo Notícias*⁴, com oito páginas A4, configurou-se como veículo de produção coletiva pelo grupo. Através da dimensão dinâmica do projeto, do teor e do formato definidos pelos participantes de forma autônoma, o jornal caracterizou-se por uma linguagem simples e uma execução dialogada entre as/os envolvidas/os. A função social do protagonismo, com os saberes das/os participantes como forma de educação para o estímulo à liberdade (Freire, 2014), problematizou temas de interesse à comunidade da escola Adolfo e seu contexto. A linguagem e definição de estilos de textos simples, com entrevistas, abertura para proposta artística e coluna de opinião sobre o projeto também são identidades encontradas pelas/os participantes para a deliberação do veículo.

Compreendemos que a liberdade e autonomia em criar formas de comunicação dialogadas à luz da comunicação não violenta e da mídia-educação podem ser pedagogias fomentadoras para melhorar a condição de vida das/os envolvidos, no ambiente escolar e para além dele.

Os resultados da investigação foram socializados para a equipe de discentes, assim como o compartilhamento da atividade de divulgação do Jornal, pela plataforma digital do Facebook (Jornal Digital Adolfo Notícias, 2020), e pelo grupo criado no aplicativo WhatsApp⁵.

2.1. Corpus e descrição das atividades do projeto

No início de agosto de 2019, fomos à Escola Adolfo Soares de Moraes, e conversamos com a diretora Sirley Cabral. Nesse diálogo identificamos a abertura na instituição para executarmos o projeto de extensão. Posteriormente, em reuniões com os integrantes do projeto, definimos as turmas de 9º ano da escola, por serem estudantes de idade média de 14 anos e com maior possibilidade de produção de conteúdo jornalístico.

No início de setembro visitamos duas turmas da escola, uma no período da manhã e outra no período vespertino, e marcamos o primeiro encontro das oficinas para a semana seguinte, no prédio da faculdade do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA), da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), em Rondon do Pará. Nessa ida à escola, explicamos sobre o projeto, sua ideia central, fases, encontros e produção coletiva de material jornalístico à escolha do grupo. Passamos uma lista para as/os interessadas/os. Das turmas, com média 40 discentes, se atraíram a metade. Outra parte falou que tinha compromissos no contraturno das aulas.

Na semana seguinte, iniciamos efetivamente os encontros na universidade, que fica próxima à escola. Na parte da manhã com as/os alunas/os que estudavam à tarde, e, à tarde com aqueles/aquelas que estudavam na parte da manhã. Nesses encontros estiveram presentes sete discentes. Passamos um documento a ser preenchido pela/o responsável da/o discente-integrante, aceitando a participação dela/e nas atividades na universidade e também autorizando fotos e gravações em vídeo da imagem dessa/e participante sem ônus e restrições, bem como a sua veiculação em quaisquer meios de comunicação para fins de divulgação das atividades do projeto.

Durante esse encontro inicial apresentamos breve exposição sobre tecnologia, seus conceitos e usos atuais, abrindo sempre para perguntas e questões. Logo após, a educomunicação foi apresentada a elas/es, explicando o que é a comunicação aliada à educação. Trabalhamos a ideia do ensino-aprendizagem a partir do olhar crítico das mediações midiáticas, assim como seu uso consciente e propositivo no dia a dia do cenário educacional. A partir daí, formulamos as explicações sobre jornalismo informativo e opinativo, assim, as/os estudantes começaram a pensar e escreveram sobre o que gostariam de propor como notícia.

As reuniões iniciaram em setembro de 2019 e aconteceram semanalmente. No terceiro e quarto encontros expusemos sobre a teoria e prática da comunicação não violenta, e apresentamos questões sobre o tema a cada parte processual do esquema teórico, para facilitar o entendimento e melhor aplicação do conteúdo no nosso cotidiano. Ao longo dessas oficinas, conversamos sobre suas realidades e necessidades de exposição comunicativa. No final foi trabalhado questionário sobre empatia, com perguntas sobre *bullying*⁶, em como agiriam se o sofressem e se já o praticaram com alguém. A entrega foi feita de forma anônima. Essas questões foram importantes para verificarmos se as exposições sobre a comunicação não violenta tiveram alguma intervenção positiva no entendimento prático com situações cotidianas na escola.

Como atividade de casa, as/os participantes ficaram de trazer temas para produzirem notícias no encontro seguinte. Nessa ocasião realizamos uma reunião de pauta, em que todas e todos puderam contribuir com os temas das/os colegas, inclusive indicando fontes de entrevista e pesquisa. No segundo momento desenvolvemos *workshop* com simulação de entrevista com as fontes indicadas, simulando essas entrevistas. Foi dinâmico e construtivo. As turmas foram perdendo medo de perguntar, timidez de errar e se expor em coletivo. Ficou definida em votação a produção do jornal digital *Adolfo Notícias*, consensualmente com as duas turmas.

Nos encontros posteriores, as/os estudantes trouxeram as pautas e começaram a escrevê-las nos computadores do laboratório de informática. Alguns não haviam conseguido realizar as entrevistas ainda, então aproveitaram para sintetizar os temas e encaminhar mais questões na pauta para as entrevistas a serem realizadas durante a semana. Tivemos mais trocas de informações e realinhamos algumas produções.

Nessa parte da produção mais prática do jornal, alguns discentes faltaram e outros pararam de participar do projeto. Fechamos o jornal com seis discentes no período da manhã e cinco no período da tarde.

O jornal *Adolfo Notícias* apresenta oito páginas. Na primeira com fotos dos participantes e um texto breve sobre a justificativa do projeto e seus objetivos. Na segunda página há o poema “Controle”, das discentes Maria Luísa Silva Moreira e Mariana Amaral Cangussu, a coluna editorial da aluna Gislene da Silva Sousa sobre o entendimento de educomunicação e comunicação não violenta e a coluna do expediente institucional.

Na página seguinte há a entrevista com o secretário de obras de Rondon do Pará, João Malcher, para trazer as respostas sobre as questões das condições precárias dos transportes públicos escolares, elaborada pela discente Emanuele Pereira Lima. Abaixo, na mesma página, o estudante Maicom Silva Santos conta uma parte de sua história de vida, a sua jornada para chegar à escola. Como é morador da área rural e a escola Adolfo fica na área central e, portanto, urbana, da cidade, ele conta sua longa travessia para estudar. É um texto informativo com o uso do texto auto narrativo.

Nas páginas 04 e 05 as entrevistas são das bolsistas do projeto, Anna Carolinny Leitão de Oliveira e Vanessa Lopes, que perguntam para as/os participantes como foram suas experiências na execução das entrevistas, produção do texto e troca coletiva nas oficinas iniciais sobre educomunicação e comunicação não violenta. Na página 06 proporcionamos espaço para as fotos dos bastidores do projeto.

Nas páginas 07 e 08 tivemos os textos mais noticiosos, o primeiro do discente Elvis Oliveira Costa sobre a atual estrutura escolar da única escola do ensino médio da cidade de Rondon do Pará, Dionísio Bentes de Carvalho. As notícias seguintes falam sobre o *bullying* na escola Adolfo Soares de Moraes, temática sistematicamente trabalhada nas oficinas do Projeto. Essa notícia foi produzida pelas discentes Yasmim Andrade, Ludmila Andrade e Sabrina Meirelles. A última notícia, apresentada pelos discentes Vitor Manuel e Lucas Araújo, o tema é “jovens nas redes sociais” digitais, entrevistam inclusive um especialista em psicologia sobre o tema nobre, no dia a dia das sociedades contemporâneas.

No mês de dezembro de 2019, encerramos as atividades com o grupo. Entregamos os certificados e no início do período letivo de 2020, iríamos marcar uma data para distribuir o Jornal na Escola Adolfo. Conseguimos a publicação de alguns exemplares na Faculdade e para as/os participantes, impressão na gráfica do grupo

empresarial Correio, em Marabá. Contudo, essa agenda ficou adiada em razão da pandemia do novo coronavírus no Brasil e no mundo.

3. Referencial teórico

Para essa discussão, compartilhamos dos referenciais teóricos de mídia-educação (Fantin, 2006), educomunicação (Soares, s.d.) e comunicação não violenta (Rosenberg, 2006). As teorias embasaram os processos de pré-projeto de extensão, as oficinas semanais e as produções-orientações do Jornal Adolfo Notícias.

A pesquisadora Monica Fantin (2006) trabalha o conceito de mídia-educação em duas áreas de saber: práxis e a reflexão teórica que alicerça e guia essa práxis. “como práxis educativa com um campo metodológico e de intervenção didática; e como instância de reflexão teórica sobre esta práxis (com objetivos, metodologias e avaliação)” (Fantin, 2006, p. 37). Nesse sentido, a mídia-educação tenta reaproximar os processos culturais, o desenvolvimento para a cidadania com a educação, pois compreende o valor simbólico das mídias no dia a dia escolar e extra escola e o papel decisivo da educação nessas mediações pedagógicas. Nessa perspectiva a prática educativa é também prática comunicativa.

A mídia-educação compreende a função de gerar

capacidades comunicativas, expressivas e relacionais para avaliar ética e esteticamente o que está sendo oferecido pelas mídias, para interagir significativamente com suas produções e para produzir mídias também (Fantin, 2006, p. 31).

Para tanto, o conceito de mídia-educação traz o pressuposto de que a educação quando trabalhada para as mídias, por meio do letramento crítico, ela pode ocupar a condição de voltar-se para a cidadania, sendo instrumento prático e pedagógico em democratizar as oportunidades de acesso ao saber, fato que colabora para a diminuição das desigualdades sociais. Por isso, iniciamos a/o participante do projeto de extensão a estar atento a esse letramento crítico e ao mesmo tempo possibilitamos a instrumentalização do campo da educação e comunicação para as produções próprias e coletiva, do material produzido.

Nesse sentido, o que Fantin (2006, p. 39) expõe e, elucida como base teórica utilizada nesse projeto, é que educarmos para a cidadania tende a favorecer a afirmação pelas/os envolvidas/os-participantes de pertencimento ao local, além de visionar cenários de maior interação com as alteridades presentes, assim como “desenvolver identidades múltiplas e complexas”, situações comuns na sociedade contemporânea.

Em paralelo, o pesquisador Ismar de Oliveira Soares, do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo, investiga e orienta o tema da educomunicação como campo próprio e disciplina singular.

Para Soares (s.d. b, p. 1) a educomunicação requer ações que integrem “às práticas educativas o estudo sistemático dos sistemas de comunicação”, fazendo cumprir os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), no sentido de alunos/as envolvidos/as com essa prática observarem os meios de comunicação como proposta crítica, de construção e de ressignificação de como estar em sociedade, essencialmente para serem agentes transformadores de onde falam.

Soares (s.d. a, p. 4) vai além e historicamente pontua a educomunicação como novo espaço desde os anos noventa, como campo interdiscursivo e interdisciplinar de intervenção social. Nesse sentido, Soares (s.d. a) aponta a cidadania como principal enlace das experiências no campo formal das escolas e nas esferas extra-escolares, como em movimentos populares, sociais e outros coletivos e organizações.

O processo de se comunicar no ambiente escolar ganha qualidade e se fortalece com a participação dos agentes escolares, pelo fato desse “ecossistema comunicativo” (Soares, s.d. b, pp. 1-2) ser implantado e produzido entre alunos/as, direção, professores/as e outros profissionais, principalmente ao trazerem temas

e saberes comunitários e de correlação participativa com assuntos de interesse entre todas essas partes do processo de comunicação.

A implantação da filosofia e método da educomunicação, portanto, nas escolas, tende a melhorar a qualidade da comunicação das ações educativas, por isso a inserção de rádio escolas, jornais, blogs, sites, jornais murais, fanzines, programas de TVs e até canais de TVs próprios.

Outro fator, a partir dessas perspectivas de mídia-educação e educomunicação, é o amparo da teoria e prática da comunicação não violenta como outra forma de linguagem, entendimento e resposta na produção jornalística aos discentes do projeto. Diante das sociedades atuais visualizamos formas culturais e mesmo desenhos sistemáticos do mundo do jornalismo, que se baseiam em alicerces de julgamentos, reafirmações de rótulos, potencializações de preconceitos e outros desdobramentos simplificadores do processo de produção do jornalismo (Gomes, 2014).

Focamos, com o processo de comunicação não violenta, problematizar alternativa salutar na maneira de gestar os processos comunicativos. Assim, atrelamos a/o participante ativa/o na educação para às mídias à luz da comunicação não violenta.

O psicólogo Rosenberg (2006, p. 19) propõe um quadro de como o ser humano deveria se relacionar uns com os outros, cuja base está na ideia de ouvir e expressar-se à luz da comunicação não violenta, na sigla: CNV. Promete nesse processo ouvir o outro com empatia e respeito, descobertas próprias e autoconhecimento profundo.

À medida que a CNV substitui nossos velhos padrões de defesa, recuo ou ataque diante de julgamentos e críticas, vamos percebendo a nós e aos outros, assim como nossas intenções e relacionamentos, por um enfoque novo. A resistência, a postura defensiva e as reações violentas são minimizadas. Quando nos concentramos em tornar mais claro o que o outro está observando, sentindo e necessitando em vez de diagnosticar e julgar, descobrimos a profundidade de nossa própria compaixão (Rosenberg, 2006, p. 22).

O quadro é baseado em quatro passos, o que o teórico e empirista Rosenberg chama de componentes: “1 - observação; 2 - sentimento; 3 - necessidades e 4 - pedido” (Rosenberg, 2006, p. 25). Observar o que está de fato ocorrendo naquela situação específica, perguntando para si, o que os interlocutores estão dizendo ou fazendo que seja um processo enriquecedor ou não para as vidas relacionadas à situação, incluindo-se na pergunta. Para o autor, o interessante é articular a resposta sem elaborar julgamento ou avaliação (Rosenberg, 2006, p. 25).

Posteriormente, diagnosticar qual ou quais os sentimentos acionados naquela observação, como sentir-se magoado, humilhado, com raiva, alegre, assustado, com medo, agradecido, fortalecido entre outros. No segundo passo, facilita resolver conflitos permitir-se expressar emoções, identificando-as, mesmo que para isso seja consequência torna-se mais vulnerável. A verdade nessa conexão aproxima o eu do outro para um nós (Rosenberg, 2006, p. 76).

No terceiro ponto sugere-se reconhecer “quais de nossas necessidades estão ligadas aos sentimentos que identificamos aí” (Rosenberg, 2006, p. 25). Neste momento também acontece um processo de análise; a descoberta dos sentimentos é o início para detectar as necessidades, por vezes, escondidas nos sentimentos. “O que os outros dizem e fazem pode ser o estímulo, mas nunca a causa de nossos sentimentos”. O exercício diante uma mensagem negativa pode ser culpar a si próprio; culpar os outros; identificar seus próprios sentimentos e necessidades; ou ainda perceber os sentimentos e necessidades à sombra da mensagem negativa da outra pessoa. O desafio é aproximar os sentimentos das necessidades, assim o outro tenderá a ser mais compassivo (Rosenberg, 2006, p. 95).

E, no último passo, desenvolver um pedido singular, bem específico, no sentido de focar a outra pessoa o que esteja querendo, com clareza e com o cuidado para o pedido ser formulado com base no enriquecimento das vidas envolvidas, numa linguagem de “ações positivas” (Rosenberg, 2006, p. 12).

Ao expor os pedidos, verbalmente, nessa teoria e ação propositiva, as conversas tornam-se ampliadas. Por exemplo, numa situação em que se quer saber dos pensamentos do ouvinte sobre algo, propõe: “Gostaria que você me dissesse se prevê que minha proposta terá sucesso e, caso contrário, o que você acha que pode impedir seu sucesso”, ao invés da posição: “Gostaria que você me dissesse o que acha do que acabei de dizer”. Na lógica da comunicação não violenta a especificidade do pedido encaminha os pensamentos os quais gostaria de saber da outra pessoa (Rosenberg, 2006, p. 115-116).

Mídia-educação e comunicação não violenta foram as diretrizes teórico, reflexiva e prática nos diálogos, oficinas, conversas, questionários e entrevistas do Projeto. Portanto a discussão desse artigo traz essas teorias brevemente descritas para o olhar analítico do produto final do projeto, o Jornal Adolfo Notícias.

4. Resultados e Discussão

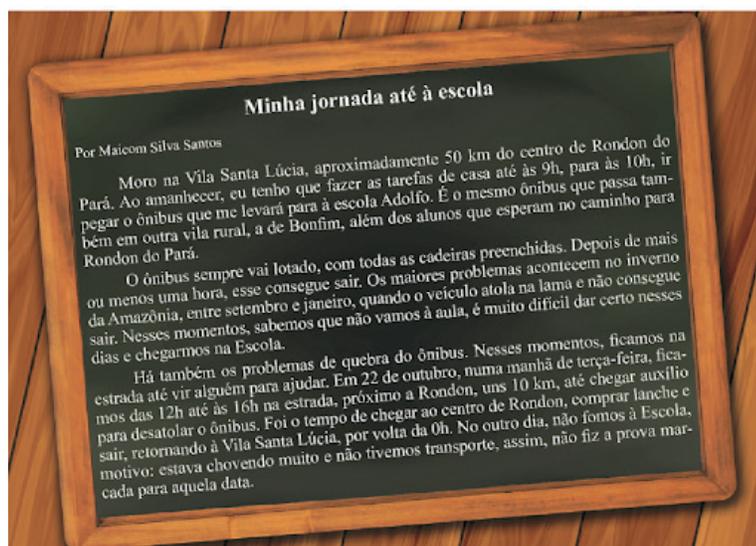
Como resultados as/os participantes realizaram as pautas jornalísticas, conduziram as entrevistas, escreveram as transcrições, apuraram as informações e produziram os textos.

No texto narrativo do discente Maicom Silva Santos, “Minha jornada até à escola”, no Quadro ilustrativo 1, o autor conta sua jornada como morador da área rural de Rondon do Pará, para ir estudar diariamente na área urbana. São 50 km até à escola, na maior parte do trecho, a travessia é por vias de terra e o ônibus escolar é precário. Acontece frequentemente seu atraso na aula ou o não comparecimento, em decorrência desses fatores externos a sua vontade em estudar.

Visualizamos na narrativa do discente a crítica social em sua história, e pelo fato dessa narração ser sistematizada em texto, ser publicada e poder ser acessada por diferentes agentes, ganha espaço e visibilidade para além do contexto da classe de estudantes e colegas de turma. Não há julgamentos no texto e a própria narrativa toca e humaniza a história.

O papel da mídia-educação correlaciona-se com a visibilidade narrada de Maicom. A função social do texto auto narrativo sobre histórias que importam para nossas comunidades, produzem a proximidade do fato denunciado com o contexto cultural da informação (Bassi, 2019a). Um sentido é sabermos da precarização do transporte escolar, o outro é o protagonismo do agente nesse cenário, viabilizar a informação, com sua linguagem e gerência no processo de produção do informado.

Na notícia “Estrutura escolar do Dionísio Bentes de Carvalho” (Quadro ilustrativo 2), produzida pelo aluno Elvis Oliveira Costa, também visualizamos a apuração dos fatos, agora desenvolvida pelo repórter-estudante. Na checagem com a atual diretora da escola, conversando com fontes primárias (de alunas e alunos) e



Quadro ilustrativo 1. Texto narrativo do discente Maicom Silva Santos, do 9º ano da Escola Adolfo. Fonte: Jornal Digital Adolfo Notícias (2020, p. 3).

visitando a futura escola em que estuda atualmente. Há o interesse de Elvis e da turma para saberem melhor da “futura escola”, sabendo que é a única do Ensino Médio da cidade.

A forma como Elvis conduziu as entrevistas, e conseguiu trazer ao texto de forma resumida as histórias, com o cuidado do que foi coletado na apuração e transcrições, colabora para o uso da técnica da mídia-educação, como instrumento e ensino aprendizagem. Assim como a linguagem propositiva sobre o tema, no alicerce da comunicação não violenta, proporcionam a afirmação de que é possível escrever sobre questões sociais, e de investigações, por meio do respeito às fontes envolvidas.

Na notícia sobre o tema do *bullying* na Escola Adolfo (Quadro ilustrativo 3), as repórteres-estudantes, Sabrina Meirelles, Ludmila Andrade e Yasmim Andrade conseguem sintetizar a questão debatida ao longo do semestre no projeto. Quando as turmas estavam em maior número, no começo das oficinas, a temática sobre rótulos, preconceitos, falta de respeito com o outro, eram falas recorrentes pelas/os estudantes. Chegamos a aplicar um questionário também para compreendermos melhor como foi a recepção sobre a empatia e comunicação não violenta nas turmas, a respeito da interface com o bullying, de forma anônima. Tivemos respostas de todas/os presentes. Alguns indicaram que já praticaram desrespeito com alguém no ambiente escolar, ou foram omissos diante desses casos, já a maior parte afirma ter sofrido *bullying*.

Para as repórteres-estudantes da notícia foi mais difícil encontrarem as fontes de entrevista sobre o assunto, mas conseguiram colegas que foram agredidos verbalmente para contarem suas histórias.

A notícia é curta, contudo é entrevistado as fontes primárias sobre o tema e fica o aviso do problema da agressão na escola e arredores. São temas complexos como esse em que o papel da mídia-educação promete problematizar, dando acesso a eles e principalmente oportunizando o direito de tentarmos reverter esse quadro de violências. A diversidade é um direito assegurado para a humanidade, portanto, a cidadania amadurece no alinhamento sistemático com essas pluralidades de ser e agir em sociedades, e a violência, como o bullying, inibe a expressão pela vida de muitas pessoas, dentre elas, adolescentes que precisam de mediações críticas e emancipatórias sobre seus direitos e garantias.

Como vimos, a comunicação não violenta requer enfrentamento, mas a partir de uma resposta em que respeite os outros envolvidos. Sendo assim, ganham os interlocutores da narrativa, com a comunicação eficiente, aquela que enfrenta criticamente a violência, com o uso de instrumentos e metodologias assertivas e de alteridade (Bassi, 2019a).

Na notícia sobre os usuários mais jovens nas redes sociais digitais (Quadro ilustrativo 4), produzida pelos repórteres-estudantes, Vitor Manuel e Lucas Araújo, percebemos a outra preocupação das turmas, o uso excessivo dos celulares pelos adolescentes e a entrada permanente deles nas redes sociais digitais. Verificaram a fronteira tênue entre vícios nesse espaço virtual e no manuseio dos dispositivos. Conseguiram falar com uma profissional na área de psicologia, para conversarem sobre esses possíveis problemas.

Estrutura escolar do Dionísio Bentes de Carvalho

Por: Elvis Oliveira Costa



Elvis e Adriana, diretora da escola Dionísio. Foto: Ingrid Gomes Bassi.

Dionísio Bentes de Carvalho é a única escola de Ensino Médio de Rondon do Pará, que é uma cidade com uma população de aproximadamente 52 mil habitantes, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2019. Em 2018, teve 1.312 matriculados no Ensino Médio, ou seja, esse número representa o total de estudantes nessa unidade escolar.

Atualmente, o Dionísio se encontra com pichações e patrimônios danificados. Segundo Maylaine Dias Costa, ex-aluna, atualmente discente da Unifesspa no curso de Administração, explica: “porque é uma escola pública os alunos acabam pensando que não é de ninguém, então eles acabam pichando”. Também afirma que os estudantes podem agir dessa forma por não existir punição e denúncia por parte da direção da escola.

Adriana Andrade de Oliveira, a diretora do Dionísio, explica: “O nosso regimento escolar prevê

que qualquer tipo de depredação à escola é falta grave, aqui por exemplo: se a gente identifica algum aluno fazendo qualquer tipo de depredação, escrevendo nas paredes da escola, automaticamente ele é encaminhado para Coordenação Pedagógica. É feito uma ocorrência, nesse caso, é uma falta grave e aí ele é chamado para pintar a escola”. Também completa: “Essas depredações acontecem nas surdinas. A única vez que eu encontrei uma aluna, no turno da tarde pichando, ela escreveu ‘meu timão’, eu a fiz limpar, ela foi lá na cozinha, pegou a bucha e lavou. Depois ela pichou a própria camiseta, com o nome ‘meu timão’.

A Diretora esclarece que a última reforma ocorrida no Dionísio aconteceu em 2012 e iniciou-se uma em outubro de 2017, começando pela quadra de esportes. Quase todos os adolescentes de Rondon do Pará passam pelo Dionísio, então, precisa-se cuidar e preservar essa escola para os futuros alunos.

Quadro ilustrativo 2. Texto informativo do discente Elvis Oliveira Costa, do 9º ano da Escola Adolfo. Fonte: Jornal Digital Adolfo Notícias (2020, p. 7).

Também verificaram que muitos colegas já preferem o uso do celular para entrar nas redes sociais digitais, do que desenvolverem outras atividades e experiências fora desses ambientes. São questões apontadas e inicialmente problematizadas, é uma notícia de alerta. A mídia-educação no uso das técnicas com reflexão sobre suas práxis, colaborou aos estudantes realizarem as atividades de entrevista, checagem, transcrições e texto. A dupla conseguiu explorar o tema comum para os colegas da Adolfo, trazendo as questões para o ambiente escolar, elucidando para as/os leitoras/es o cuidado na gestão de celulares e outros dispositivos, e a frequência nas redes sociais digitais com as suas performances na escola, no entendimento das aulas, na convivência com colegas e nos resultados avaliativos.

5. Considerações Finais

No compartilhamento com as turmas do projeto de extensão, compreendemos fazer parte de desdobramentos reflexivos e práticos sobre comunicação não violenta e mídia-educação. A consciência pelas/os participantes do seu papel na construção da comunicação e na interação do ensino-aprendizagem com seus pares e fontes externas, como psicóloga, secretário de obras, motorista, professor entre outros, permitiu incentivarmos formações educacionais e culturais para o desenvolvimento social mais humano e atento.

As possibilidades salutares de ações e experiências voltadas para a constituição da cidadania, nas comunidades do nosso entorno, de onde falamos e agimos diretamente, a Amazônia oriental, requerem letramento crítico e posição de protagonismo, encaminhamentos que tentamos direcionar no projeto.

Nesse local também temos que lutar por melhorias de qualidade de vida e de direitos. Nossos adolescentes apresentam demandas singulares, de problemas familiares graves, dificuldades financeiras entre seus responsáveis, falta de incentivo e perspectiva em continuar estudando, desigualdades socioambientais, como falta de saneamento básico, insuficiência nas estruturas para atendimento à saúde, baixa atividade

Bullying na escola Adolfo Soares de Moraes

Por: Yasmin Andrade, Ludmila Andrade, Sabrina Meirelles

O *bullying* nas escolas era visto como brincadeiras de crianças, impaciências bobas e até brincadeiras normais, como por exemplo, colocar apelidos em colegas. Recentemente, as escolas e famílias têm percebido que esse tipo de brincadeira é grave e que precisam ser tomadas providências. Assim, entende-se que essa prática é sim uma disfunção crônica do ambiente escolar e pode gerar vários tipos de problemas tanto para o agressor quanto para quem sofreu esse tipo de agressão.

O estudante Mario Felipe



Imagem: Canva

relata que já sofreu *bullying*. "As pessoas me chamavam de cabeção (pelo tamanho da minha cabeça) me chamavam de cearense; eu acho que é pelo fato de cearense

ser associado a cabeça grande", mas ele não levava a sério: "Eu não deixava subir para cabeça e levava na brincadeira".

O estudante Lucas Araújo também diz que já sofreu essa agressão. "Na época eu tinha 8 anos, sofria *bullying* através dos meus primos que o praticavam contra mim e, aos 12 anos, sofria por conta do meu cabelo, isso pela sociedade e pelos outros". Na época Araújo sentiu raiva, mas hoje se desfez dela: "Superei faz um tempo, deixei o rancor de lado e isso já se esfriou".

7

Quadro ilustrativo 3. Texto informativo das discentes Yasmin Andrade, Ludmila Andrade e Sabrina Meirelles, as três do 9º ano da Escola Adolfo. Fonte: Jornal Digital Adolfo Notícias (2020, p. 7).

Adolfo Notícias

Jovens nas redes sociais

Por: Vitor Manuel e Lucas Araújo

Nos dias atuais, os jovens têm acesso facilmente aos aparelhos eletrônicos, como computadores e *smartphones*. Na maioria das vezes esse uso é excessivo e, a partir desse comportamento, passam a mudar seus hábitos e o modo como observam o mundo, podendo causar sérios riscos à saúde, tais como problemas de ansiedade e até depressão. Não que seja errado utilizar esses aparelhos, até porque é um instrumento de trabalho e tudo fica mais fácil com eles, seja numa pesquisa da escola, comunicar-se com alguém, enviar um e-mail, entre outros usos cotidianos, mas tem que ser usado com equilíbrio, nada exagerado, a ponto de perder a noção do tempo, por exemplo.

Os jovens de hoje já nascem conectados às redes sociais e são movidos por *likes*, compartilhamentos e publicações. Alguns até se conectam por popularidade, esquecendo da sua vida social presencial e acabam tendo pouco contato com sua família, pois se tornam dependentes do uso dos seus *smartphones*. Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2018, há 138 milhões de brasileiros que possuem esses móveis e essa perspectiva tende a aumentar cada vez que os anos passam.

O celular deve ser usado com



Imagem: Pexels

cautela e limites. De acordo com a estudante Gabrielle Santos, "O uso de celular é legal, mas o uso em excesso pode causar um vício. Então, nos tornamos dependentes do aparelho".

O uso do *smartphone* pode nos trazer malefícios sociais e psicológicos. Segundo a psicóloga Neyla Barreto, "A gente acaba se desaprendendo como falar com as pessoas ao vivo, que a gente está tão acostumado ao 'estar no celular' que acabamos perdendo as habilidades sociais".

A estudante Anna Luiza Rigoni concorda e ainda diz que o vício causa desinteresse em outras atividades: "Você fica muito viciado no celular e acaba não querendo mais saber de nada". Enquanto que o aluno Leonardo Silva também afirma que o uso excessivo pode atrapalhar na sala de aula: "Se você faz o bom uso não atrapalha muito; agora, se faz muito uso, aí vai lhe atrapalhar no desenvolvimento. Se você usar o Facebook, WhatsApp, no horário de aula vai atrapalhar, suas notas serão outras".

Quadro ilustrativo 3. Texto informativo das discentes Yasmin Andrade, Ludmila Andrade e Sabrina Meirelles, as três do 9º ano da Escola Adolfo. Fonte: Jornal Digital Adolfo Notícias (2020, p. 8).

no papel político local e poucas ou nulas áreas de lazer e convivência social. Todos esses fatores problematizam ainda mais a necessidade do agir da mídia-educação com o protagonismo da alteridade da comunicação não violenta, para a constituição de um lugar mais respeitoso à diversidade e garantidor de direitos e cidadania.

Como expectativas, pretendemos compartilhar ao longo dos próximos semestres com mais agentes, constituir redes e estruturas que possam dar continuidade ao projeto, incluindo mais profissionais da Escola e outro/as colegas da própria comunidade de Rondon do Pará. Assim como, termos mais parcerias locais para viabilização e publicização dos conteúdos e produtos jornalísticos extra escola. Horizontes possíveis e caminhos graduais: esse é o propósito!

NOTAS

¹ Participantes do Projeto: Ingrid Gomes Bassi - coordenadora do Projeto e professora de Jornalismo da UNIFESSPA; Vinicius Leite Alcântara - técnico do ICSA/ UNIFESSPA; Marta Cardoso de Andrade - professora de Comunicação; Jax Nildo Aragão Pinto - professor de Jornalismo da UNIFESSPA; Ricardo Tavares D'Almeida - discente do Curso de Jornalismo da UNIFESSPA; Adeildes Silva Santos - Professora da Rede Municipal do Município de Rondon do Pará e técnica pedagógica no setor de Planejamento da Secretaria Municipal de Educação de Rondon do Pará/SEMED; Anna Carolinny Leitão de Oliveira - discente do Curso de Jornalismo da UNIFESSPA; e Vanessa Lopes - discente do Curso de Jornalismo da UNIFESSPA. Equipe de alunas e alunos da Escola E.M.E.F. Adolfo Soares de Moraes: Elvis Oliveira Costa, Emanuele Pereira Lima, Gislene da Silva Sousa, Igor Santos Souza Correa, Lucas Araujo Nascimento, Ludmila da Silva Andrade, Maicom Silva Santos, Maria Luísa Silva Moreira, Mariana Amaral Cangussu, Sabrina Meireles Almeida, Vitor Manuel Carvalho Assunção e Yasmim Andrade Silva.

² A cidade de onde falamos, Rondon do Pará, fez em 2019, 37 anos de emancipação política, apresenta população estimada em 2017 pelo IBGE, de 50.925 habitantes, e insere-se na microrregião de Paragominas. Rondon faz fronteira com o Maranhão, nas cidades de Itinga e Açailândia e a cidade mais populosa do sudeste paraense, Marabá.

³ Os conceitos de mídia-educação (Fantin, 2006) e educomunicação (Soares, s.d.) serão usados neste artigo e estudo como complementares. Há pequenas pontuações diferentes nas definições pelos autores citados, mas estas não interferem nos resultados do estudo analisado e também não é do interesse da autora deste artigo tentar definir ou trazer à discussão essas fronteiras conceituais.

⁴ Jornal digital Adolfo Notícias. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/3383451291695919/?ref=bookmarks>.

⁵ Quando as atividades presenciais voltarem na cidade, na escola e na faculdade, iremos retomar ao momento de socialização pela equipe do projeto com as/os discentes na Escola Adolfo, com a apresentação do jornal para a escola, num evento público e com a entrega formal dos jornais que conseguimos imprimir.

⁶ Atualmente, segundo a lei n. 13.185 (2015), a qual estabelece o Programa de Combate à Intimidação Sistemática, define o *bullying* como ato de violência e também propõe observar esses atos como prática sistemática, tanto da violência física como da psicológica, além de enquadrar outras atitudes de intimidação, como a humilhação ou a discriminação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bassi, I. G. (2019a). Epistemological path of narratives for peace. *Revista Latina de Comunicación Social*, 74, 1235-1250.

Bassi, I. G. (2019b). Propostas Assertivas de Comunicação para a Transformação Social (pp. 623-640). In F. Henriques, P. Calvo, L. de L. Ito, R. Longhi, L. A. Ogando, & M. Martinez (orgs.). *Gênero, notícia e transformação social*. Aveiro: Ria Editorial.

Bassi, I. G. (2019c). Grupo de Mídia Full Jazz e Revista Vida Simples: Interface com a alteridade. In A. Versuti, C. Escudero, C. Mier, C. Assis, C. M. A., J. Santinello, L. de L. Ito, & R. Longhi (orgs.). *Meios e Transformação social*. Aveiro: Ria Editorial.

Bauman, Z., & Bordoni, C. (2014). *State of Crisis*. Cambridge: Polity Press.

Binyan, L. (1993, set.-out.). Enxerto de civilizações. Nenhuma cultura é uma ilha. *Foreign Affairs*, 72(4), 152-154.

Fantin, M. (2006). *Mídia-educação: conceitos, experiências, diálogos Brasil/ Itália*. Florianópolis: Cidade Futura.

Freire, P. (2015). *Educação como prática da liberdade* (36ª Ed.). São Paulo: Paz & Terra.

Gomes, I. (2014). The coverage of Islam - marginalized and moralizing narratives. Intercom: *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 37(1), 71-89. <https://dx.doi.org/10.1590/S1809-58442014000100004>.

Jucá, B. (2019). *Protagonismo dos alunos, uma chave para reduzir a violência escolar*. Recuperado em 30 maio de 2020, de https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/18/politica/1552944709_703384.html.

Jornal Digital Adolfo Notícias (2020). Recuperado em 30 maio de 2020, de <https://www.facebook.com/groups/3383451291695919/?ref=bookmarks>.

Lei n. 13.185, de 06 de novembro de 2015. (2015). Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Brasília. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113185.htm.

Machado, D. F. (2018, junho). Mediações algorítmicas: o poder de modulação dos algoritmos do Facebook. *Parágrafo*, 6(1), 43-55.

Muller, J. M. (2007). *O princípio da não-violência. Uma trajetória filosófica*. São Paulo: Palas Athena.

Peruzzo, C. M. K. (2015). Observação participante e pesquisa-ação. In A. Barros & J. Duarte (orgs.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação* (pp. 125-145). São Paulo: Atlas.

Rosenberg, M. B. (2006). *Comunicação não-violenta. Técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais*. São Paulo: Ágora.

Sennett, R. (2012). *Juntos. Os rituais, os prazeres e a política da cooperação*. Rio de Janeiro: Record.

Salas, J. (2017). *Usuários transformam seus murais no Facebook em 'bolhas' ideológicas*. Recuperado em 30 maio, 2020, Recuperado de: http://brasil.elpais.com/brasil/2015/05/06/tecnologia/1430934202_446201.html?rel=mas.

Soares, I. de O. (s.d. a). *Uma educação para a cidadania*. Recuperado em 10 agosto de 2021, de <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/6.pdf>.

Soares, I. de O. (s.d. b). *Mas, afinal, o que educomunicação?* Recuperado em 10 agosto de 2021, de <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/27.pdf>.

Thompson, J. B. (2011). *Ideologia e Cultura Moderna. Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa* (9ª Ed.). Petrópolis-RJ: Editora Vozes.